



Modernidade, Comunicação e Cotidiano: A influência da comunicação no cotidiano do homem moderno¹

Ilana Almeida de Sousa²

Resumo

O presente artigo sugere algumas reflexões acerca das relações do homem estabelecidas a partir da modernidade, tendo como fio condutor a comunicação. Debruçando-nos sobre os conceitos de modernidade, comunicação e cotidiano, porém sem intenção de abarcar todos os desdobramentos que as temáticas oferecem, relacionamos as transformações no âmbito da comunicação possibilitadas pelo desenvolvimento técnico característico da modernidade, e como o cotidiano do homem também foi modificado pelo processo em questão.

Palavras-Chave: Modernidade; comunicação; cotidiano; transformações

Entusiasmos e Desafios da Modernidade

A modernidade deve ser analisada como uma experiência histórica capaz de modificar a vida dos indivíduos em toda a sua abrangência. Mais do que um conceito simplista, o qual os historiógrafos costumam usar quando dividem a existência humana em ‘Pré-história, Idade Antiga, Média, Moderna, Contemporânea’, a modernidade ultrapassou os limites do tempo a ponto de alguns estudiosos do tema acreditarem que ela ainda não terminou.

As grandes transformações ocorridas na sociedade, a partir do século XV, marcam o surgimento da modernidade. Transformações essas que aconteceram de forma sistemática e se destacam nos campos religioso, político e econômico, desencadeando uma série de novas demandas sociais.

A primeira estrutura que, no nosso entendimento, a modernidade põe em cheque é a Igreja Católica. O pensamento crítico, característico da sociedade moderna, levou o homem a se questionar sobre os valores, sobre a verdade imposta pela Igreja, o papa e a natureza da religião. A Reforma Protestante, cujo objetivo era apenas reformar a igreja, foi o evento que deu início a mudanças de pensamento no âmbito religioso; novos valores e atitudes que se desenvolveram às custas do declínio papal, numa sociedade que começava a desenvolver um pensamento crítico e fazia dele seu escudo

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba.



contra o poder dominador da Igreja. Os dogmas e doutrinas perderam a capacidade de definir os propósitos e o sentido das ações humanas no mundo.

Trezentos anos depois das primeiras mudanças na esfera religiosa Nietzsche anunciou a *morte de Deus*, por volta de 1880, período em que a modernidade já tinha se consolidado, e suas contradições atingiam o indivíduo de forma a recolocá-lo num mundo de possibilidades ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis. Caminhos distintos numa pluralidade de seitas e caminhos alternativos para se atingir a verdade.

Transferindo o olhar para a esfera da política moderna, encontramos um homem centrado na razão e determinado a reorganizar a vida cotidiana. A partir de então, os preceitos divinos não eram capazes de preencher as novas lacunas que apareceram no íntimo das sociedades. Amparado pela política, o homem passou a criar instituições legitimadas em argumentos e motivos racionais.

A paisagem foi sofrendo alterações ao mesmo tempo em que as normas para viver no novo cenário foram se desenvolvendo e sendo apreendidas gradualmente num lento processo, ordenadas cada vez mais por novas instituições. O estado moderno, ou estado-nação de características semelhantes ao modelo atual, nada mais é do que o conjunto de todas essas instituições normatizadoras. Muito embora pareça impossível regular uma sociedade de indivíduos com características tão distintas e antagônicas.

Os governos desses Estados, na Europa, tomaram a forma da monarquia nacional e representaram a exigência de uma regulamentação jurídica para os conflitos políticos e sociais que se desenvolviam. Tais conflitos culminaram, mais tarde, no Estado Absolutista, uma continuidade da expressão da hegemonia da nobreza que, através da reorganização estatal, reforça sua dominação sobre a massa camponesa e mantém a burguesia, em formação, ainda numa posição de não-centralidade.

Nessa prerrogativa a modernidade começou a revelar sua fragilidade. Michael Foucault, por exemplo, via na modernidade a maior expressão de aprisionamento humano, isto por que o indivíduo para viver em sociedade precisa estar adequado “as formas que tornam aceitável um poder essencialmente normalizador”, e que qualquer tentativa de resistência às formas “apenas desliga indivíduos de uma autoridade disciplinar para ligá-los a outra”(Foucault *apud* Berman, 2007, p.47).

A ambição por controlar novos territórios fez com que os governantes expandissem as regras de governabilidade para além das fronteiras, numa busca por



vantagens, fossem elas recursos naturais ou mesmo humanos, como também para estabelecer relações comerciais. Via-se com isso o crescimento de um mercado mundial, que posteriormente receberia a denominação de mercado globalizado.

Os primeiros passos rumo ao desenvolvimento do sistema econômico foram possíveis em decorrência dos intercâmbios comerciais.

A economia de subsistência gradualmente foi substituída pela acumulação de capital que possibilitou o crescimento das cidades em tamanho e influência.

Os indivíduos passaram a acumular capital e investi-lo no aperfeiçoamento dos meios de produção e na quantidade de mercadorias produzidas, a fim de obter mais lucros e novamente investi-lo na produção. São características bem conhecidas do sistema capitalista: acumulação de capital e poder econômico, dentro de uma rede de relações comerciais.

Com a Revolução Industrial, foi instituído o modo de produção em grande escala, as máquinas passaram a compor o cenário das fábricas trazendo consigo a competência de aperfeiçoar e amenizar o trabalho humano. Porém, as ideologias de progresso não tardaram em se decompor.

Partindo do viés econômico Marx evidenciou toda a contraditória base da vida moderna, que ironicamente se voltou contra o próprio homem. Marx explicita sua visão sobre o ambiente moderno quando afirma que:

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos...Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar...(MARX *apud* BERMAN, p. 70)

Todavia, a modernidade não foi experimentada por todos de uma forma negativa. O deslumbramento tecnológico levou muitos, como McLuhan, a considerar apenas as maravilhas da sociedade tecnocrata moderna. A aptidão para experimentar novos fenômenos, dominar e aprimorar novas técnicas, promover mudanças sem levar em consideração os efeitos do novo desenho social.

A gradual expansão dos sistemas de conhecimento científico e instrução também aparecem como pontos positivos do modo reflexivo de vida moderna. Certamente, a alfabetização contribuiu de forma decisiva para instituir novas redes de relacionamento



baseada no entendimento entre as pessoas. McLuhan (1964, p.74) vê no aparato tecnológico um caminho possível para que haja um entendimento universal, ao destacar que “o computador, em poucas palavras, promete através da tecnologia a possibilidade pentecostal de entendimento e unidade universais. O próximo passo lógico parece ser [...] ultrapassar as linguagens em favor de uma generalizada consciência cósmica.”

Porém, até chegarmos ao estágio de uma comunicação mediada pelos aparelhos tecnológicos, um grande caminho foi percorrido. Tentaremos, a seguir, explicitar a trajetória da comunicação, por acreditarmos que as transformações ocorridas no seio da sociedade moderna só se tornaram concretas e atingiram o alcance observado, devido ao suporte comunicacional.

Buscar uma compreensão para a modernidade é procurar entender como a tecnologia moderna e as novas organizações sociais condicionaram o futuro do homem. Não basta apenas defini-la como uma multidão de processos sociais — enumerando entre eles: as descobertas científicas, as revoluções da indústria, as transformações demográficas, as formas de expansão urbana, os Estados nacionais, os movimentos de massa, entre outros.

Longe de querer abarcar toda a complexidade da proposta moderna, procuramos estabelecer uma breve apresentação das principais transformações desencadeadas pelo advento da modernidade, não numa seqüência cronológica - até por que muitos eventos aconteceram em simultaneidade, como também relacionados um a outro - mas tentando estabelecer um elo entre a modernidade e a comunicação, considerando que a comunicação é a força motriz destas transformações, como será discutido adiante.

Características da comunicação na modernidade

Os desdobramentos da técnica aliados às tecnologias de comunicação tornaram-se ferramentas indispensáveis na geração de riqueza, no exercício do poder e na criação de códigos culturais no mundo moderno, ocupando um lugar central entre as questões que surgem como prioritárias. A comunicação estabelecida por meio técnicos recebeu maior importância por transformar as redes no modo prevaiente de organização das atividades humanas, modificando, a partir da sua lógica, todos os domínios da vida em sociedade.



O que se observava no passado, regido pelo sistema feudal, era um homem ligado a terra, sua atividade e suas relações sociais eram restritas e limitadas à aldeia rural a qual ele estava inserido. Pouco, ou nada se via sobre o conceito de progresso. A vida era isolada e o conhecimento de mundo que se tinha não chegava nem sequer aos limites do território vizinho.

Obviamente no período ainda não existiam meios de armazenamento ou trocas simbólicas, por isso a linguagem oral era incorporada como instrumento vital e indispensável às comunicações que conduziam aquele grupamento social. Através da linguagem oral as comunidades organizavam ritos no intuito de repassar o conhecimento adquirido de geração para geração, se utilizando da memória como único meio de estocagem de conhecimento e o modo de comunicação face a face a única estratégia para transferir as descobertas mantidas pelas tradições familiares. O indivíduo comunicava-se, portanto, somente com os seus iguais, no interior de sua própria comunidade. Dado ao isolamento característico da época.

Porém, como ressaltava Nietzsche (2005, p.21), pela linguagem o homem passou a ter o conhecimento do mundo e começou a orientar o processo de dominação de seu espaço, pois a linguagem “é a primeira etapa no esforço da ciência”. E os primeiros avanços começaram a configurar a nova realidade.

O pioneirismo de Gutenberg, com a invenção da prensa, deu início a evolução das técnicas de comunicação. A xilogravura, a gravura em metal e a litografia trariam progresso decisivo à arte gráfica, às reproduções em série e à produção de novas obras. Logo a seguir veio a fotografia que, como a litografia, abriu caminho para o jornal ilustrado, e posteriormente as imagens em movimento.

O jornal e os livros se tornaram mais do que um meio de expressão, mas de disseminação de idéias.

As primeiras tipografias consolidaram e expandiram o comércio da informação produzindo livros sobre vários temas que eram endereçados principalmente às universidades, colaborando para a disseminação do conhecimento científico. A comunicação estava dando sua contribuição fundamental para a modernidade.

As organizações tipográficas se desenvolveram rapidamente, e muita informação começou a circular a ponto de incomodar a Igreja, isso por que muitos livros com idéias anticatólicas foram lançados fragmentando o poderio religioso cristão. Diante disso, a Igreja passou a controlar as produções e chegou até a instituir a censura. Contudo, depois de muitas tentativas, não foi possível conter o avanço com que as



impressoras produziam e distribuíam os textos, tendo em vista que os editores sempre encontravam um jeito de burlar a censura e vendê-los em contrabandos.

Surgimento da Imprensa

A imprensa colaborou com a difusão de dados sobre o mundo natural e social, além de noções de comércio, sistemas monetários, biologia, medicina, e tantos outros. E na medida em que os livros se tornavam mais populares, surgiu a necessidade de consolidação dos idiomas nacionais.

A expansão das esferas territoriais ajudou também na difusão desses idiomas que era impostos pelos colonizadores aos povos indígenas, atingindo outras partes do mundo.

As forças produtivas se lançaram no universo econômico com as inovações técnicas. O aparato tecnológico avançou numa velocidade inesperada e a informação embarcou na lógica do capitalismo. Empresas passaram monopolizar a informação, a dominar a técnica, produção, e distribuição das mensagens.

Novos meios de comunicação como o rádio, a televisão, e por último a internet modificaram a dinâmica da transmissão de idéias e conceitos no mundo moderno. A velocidade da comunicação e o incremento dos meios de reprodução técnica inseridos no sistema capitalista deram origem a cultura de massa, como explica Morin:

A comunicação está tecnicamente organizada e economicamente formulada como uma grande indústria, onde grupos empresariais dominam o processo de produção e distribuição. A informação não é mais instrumento, mas o principal dos bens. A indústria pesada da comunicação detém os meios de produção e os meios de informação, de maneira que pode controlar os meios de produção em geral (MORIN, 1969, p.56).

Não podendo fugir à lógica da modernidade, o sentido da comunicação sofreu alterações na medida em que novos processos comunicacionais se ampliaram.

A comunicação no sentido antropológico, relativa a comunicação existente entre os indivíduos; a comunicação mediada, relativa a comunicação de massa auxiliada pelos meios tecnológicos; finalmente a comunicação funcional, atendendo a uma sociedade aberta: relações de comércio, diplomacia, e afins.

Trata-se, ao mesmo tempo, de um projeto político gerenciando a sociedade da informação, de um sistema de crenças, pelo seu viés antropológico, e de uma ideologia



de ação, ligada à economia. A nova demanda comunicacional além de auxiliar decididamente a sociedade moderna no projeto de mudança, contribuiu sensivelmente com as transformações da vida cotidiana dos indivíduos.

Novas formas de produção, os conteúdos, a velocidade de circulação e o alcance das mensagens modificaram o homem e o lugar que ele ocupa no mundo. As tentativas de conectar o presente com o passado e o futuro, apreender novos valores, e tantas outras possibilidades de conexão humana que a idéia de modernidade implica, resultaram na relação que se faz entre o local, regional e universal. Ligam-se as possibilidades técnicas ao funcionamento da economia globalizada, em nome de valores universais. O cotidiano do homem passou a ter uma nova significação, como veremos a seguir.

Conflitos da comunicação no cotidiano moderno

Até agora, nós buscamos compreender alguns aspectos da vida social na modernidade através das instituições formadas e que se consolidaram ao longo do processo de modernização. Como vimos, os processos que deram forma a sociedade moderna em sua maioria foram processos de imposição, seja de uma classe social para outra, seja entre culturas e instituições, isto faz da modernidade um processo verticalizado.

A comunicação seguiu pelo mesmo caminho. O desenvolvimento dos meios de comunicação permitiu novos relacionamentos sociais, ou seja, novas formas de ação e interação entre os indivíduos, porém o desenho moderno da comunicação é verticalizado, tendo em vista a mediação pelos aparelhos eletrônicos os quais geraram uma nova demanda comunicacional. As narrativas tradicionais tiveram que se adequar à nova ordem da narrativa técnica.

Para que possamos estabelecer pontos de conexão entre as mudanças sofridas pela sociedade, a partir do novo modo de produção da informação na modernidade, vale a pena fazer algumas considerações sobre o cotidiano enquanto um significativo campo de estudo capaz de revelar a vida social em sua abrangência.

O cotidiano, apesar de ser uma temática de estudo recente, apresenta elementos que facilitam a compreensão das microrelações que envolvem os indivíduos sociais. Michael Maffesoli (1995, p.64) define, de uma maneira geral, o cotidiano como “todas as relações com o outro pelas quais se define uma cultura”.



Em outras palavras, a unidade que possibilita a sociedade ser apreendida em conceito provém da interação social, por meio de movimentos que fazem com que os indivíduos sejam levados a conviverem entre si, numa ação conjunta.

A partir do advento da modernidade verifica-se o impacto da tecnologia sobre a sociedade, na medida em que processo de modernidade mapeia novos quadros sociais alterando os hábitos e os modos de interação entre as pessoas, agora auxiliada por objetos tecnológicos. As relações espaço e tempo também sofreram alterações relevantes na modernidade.

As conquistas advindas das diversas ciências e o avanço tecnológico, que atingiu níveis inesperados, trouxeram uma nova atitude frente ao lugar onde se vive e ao momento vivido. As informações são hoje processadas numa velocidade inimaginável em outras épocas; fatos vividos num lugar do planeta chegam a milésimos de segundo até nós; parece já não haver distâncias capazes de deter o conhecimento humano.

No entanto, o fascínio do homem em relação aos novos meios despertou o interesse de produtores e consumidores em dominar a técnica, esquecendo-se que esta era apenas um meio para um fim, e não o próprio fim. A nova situação sinaliza o conflito entre a capacidade de comunicação técnica e a incapacidade de comunicação humana. Este conflito é bem expresso nas idéias de Wolton (2004, p.10): “O desfaseamento entre o caráter cada vez mais "naturalmente mundial" das tecnologias e as dificuldades de comunicação, cada vez mais visíveis, das sociedades entre elas, é uma das grandes revelações e contradições do século XX.”

O desenvolvimento da mídia a transformou numa organização dotada de uma linguagem, produtos e formas de produção centrada no suporte técnico, a qual Wellington Pereira (2007) identifica como comunicação midiática, e pode ser definida “pela antecipação das realidades através da tecnologia”.

Assim, a mídia se apropria do cotidiano e apresenta uma realidade fragmentada da sociedade, de acordo com sua orientação ideológica. Por isso, é mais pertinente se pensar em analisar os aspectos comunicacionais partindo do cotidiano, do que tentar apreender o cotidiano através dos produtos e mensagens da mídia.

O desenvolvimento dos meios e técnicas de comunicação ampliou o alcance da modernidade, ao mesmo tempo em que o domínio do conhecimento técnico-científico desenvolvido na modernidade, revolucionou os métodos da comunicação, formando uma conjuntura que modificou e individualizou o cotidiano do homem moderno. Então, “Como conciliar o individualismo dominante com o desafio das nossas sociedades que



é, pelo contrário, o de manter os laços da coesão social e do "estar juntos?", questionamento de Dominique Wolton (2004, p.9) que parece não vislumbrar resposta.

Conclusão

Os meios técnicos de comunicação anunciaram a premissa de conexão global entre as sociedades, despertaram fascínio, transformaram a troca de informações em bens de consumo e auxiliaram, como até hoje fazem, no estabelecimento de ordens e no controle social.

A comunicação ganhou novo significado e proporcionou novos significados aos indivíduos que, submetidos aos ditames socioculturais, sofreram drásticas transformações no relacionamento consigo mesmo e com os demais.

Certamente o individualismo apresentado quando os jornais são escolhidos numa manhã de domingo ao invés do encontro com as amigas, quando as televisões saíram das salas e passaram, cada vez mais isoladas, a compor a lista de móveis do quarto, ou quando o computador parece ser a melhor companhia; faz o “estar- junto” ou a comunicação cotidiana perder um pouco de sua pureza e importância.

A comunicação mediada certamente é valorizada porque o domínio sobre as ferramentas ainda é o mais fácil, enquanto que o mais difícil é a relação entre os homens e as sociedades. Por isso talvez, a razão da procura incessante por uma teoria que abarque a complexidade da comunicação humana, e a busca, por outras ciências, de um entendimento sobre os processos de relação entre os homens e seus fenômenos. Mas certamente, os ideais da comunicação de ontem não se inscreverão nas realidades futuras.

Não se pode desmerecer o valor dos meios tecnológicos que proporcionaram a evolução nos níveis de comunicação entre os indivíduos e a entre as sociedades, mas não podemos esquecer de dar o devida importância as microcomunicações estabelecidas no íntimo social e buscar métodos para compreendê-las em toda sua significância.

Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



BRIGGES, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora - identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LIMA, Luiz C. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Ate e Oficinas, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. São Paulo, Forense, 1969.

NIETZSCHE, Frederich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PEREIRA, Wellington. **A comunicação e a Cultura no Cotidiano**. In: Revista Famecos: Porto Alegre, 2007.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed. 1999

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença.